



# LEGITIMIDADE SOCIAL DO ADMINISTRADOR

Qual a legitimidade social da profissão do Administrador? Esta é a pergunta feita por Rakesh Khurana, professor da Harvard Business School, no livro *From higher aims to hired hands: the social transformation of American Business Schools and the unfulfilled promise of management as a profession*, publicado em 2007.

Passados mais de 100 anos do desenvolvimento das Escolas de Administração nos Estados Unidos (e de sua difusão pelas Américas no pós-guerra), o autor argumenta que a profissão passou por várias transformações sem ter alcançado o mesmo prestígio dos profissionais da Medicina ou do Direito ao longo desses anos. Nos Estados Unidos, Khurana conclui que essa legitimidade não se concretizou por diversas razões, entre elas o papel desempenhado pelos MBAs que sempre trataram seus alunos como consumidores. Os ideais morais e profissionais foram perdidos, especialmente depois que o mundo embarcou no capitalismo livre das últimas décadas. Estando em Harvard, o autor propõe uma revisão completa na formação de uma nova liderança, que seja moral e intelectualmente rejuvenescida.

Assim como Henry Mintzberg, que há anos critica o conteúdo e o ensino dos MBAs, há uma associação feita por esses estudiosos entre a vida (e os estudos) do executivo e a crise econômica (e moral) que o mundo dos negócios parece enfrentar desde o *crash* de 2007. Claro que não podemos confundir o executivo com o administrador. Nem todos os executivos fizeram graduação em Administração, já que o bacharelado em outras profissões permite o acesso à função de liderança nas organizações. Além disso, no Brasil, a regulação das profissões atende a padrões distintos daqueles praticados nos Estados Unidos e Europa.

Mas, tratemos aqui dos administradores, daqueles

que fazem a graduação nessa especialidade em nosso país e se tornam executivos nas empresas. Eles têm um saber especializado e dominam tecnologias apropriadas? Atendem demandas sociais? Mantêm forte adesão a padrões éticos fundamentais? Essas são questões que, a meu ver, deveriam ser levadas em conta quando tratamos da formação de administradores e também profissionais de outras especialidades, claro.

Em um artigo visionário escrito em 1962, o professor emérito da FGV, Luiz Carlos Bresser-Pereira, mostrou que os gestores desempenhavam papel fundamental no desenvolvimento de uma classe média, necessária

para a construção de um país democrático. O passado, mas também o presente, mostram que países com apenas duas classes sociais estão mais próximos do totalitarismo.

Nestes quase 60 anos da Escola de Administração de Empresas de São Paulo (EAESP) e 50 da profissão de administrador, é possível dizer que os alunos de graduação podem ter aqui conhecimento especializado e a aprendizagem de tecnologias apropriadas ao exercício da profissão.

Embora a conduta ética resulte das experiências vividas em outras esferas da vida (a família, os exemplos, as condutas públicas valorizadas, os heróis que inspiram a sociedade, a forma como as transgressões são tratadas, etc), a aprendizagem das ciências humanas e uma visão crítica da realidade são fundamentais na formação dos administradores e podem contribuir para o desenvolvimento de líderes com a capacidade de inovar na gestão de empresas públicas e privadas, bem como garantir a sustentabilidade de nossa Terra.

Por enquanto, só temos este planeta para viver. A legitimidade social da profissão será reconhecida se a geração atual e futura for capaz de contribuir para as reais necessidades de nossa sociedade.

OS IDEAIS MORAIS  
E PROFISSIONAIS  
FORAM PERDIDOS,  
ESPECIALMENTE  
DEPOIS QUE O MUNDO  
EMBARCOU NO  
CAPITALISMO LIVRE